

**ANA MARIA MACHADO:**  
Estou convencida de que ler é poder

**Jerônimo Teixeira**  
Jornalista

Nascida no Rio, em 1942, Ana Maria Machado consagrou-se principalmente como escritora de obras voltadas para crianças. Fez Letras, exerceu o jornalismo e estudou com Roland Barthes na École Pratique de Hautes Études, em Paris – desta última experiência, resultou *Recado do nome*, análise da obra de Guimarães Rosa. Estreou como escritora na revista *Recreio*, em 1969, e seguiu produzindo livros como *Raul da Ferrugem Azul*, *Do outro lado tem mistério*, *Bisa Bia Bisa Bel*, *Era uma vez um tirano* e *De olho nas penas* (premiado com o Casa de Las Américas). Colecionou muitos prêmios nacionais e internacionais ao longo da carreira, mas o maior de todos veio este ano: Ana recebeu em Bolonha o prestigioso Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil. Nesta entrevista, concedida em Porto Alegre em maio de 2000, Ana Maria Machado contesta a expressão "literatura infantil" e fala, entre outros temas, da relação entre leitura e poder, de sua convivência com Barthes, das cartas que recebe dos leitores e dos desafios que sua literatura propõe às crianças.

**JT:** Ziraldo não gosta do termo "literatura infanto-juvenil". Lygia Bojunga Nunes diz que não existe "literatura infantil", mas só literatura...

**AMM:** Claro.

**JT:** ...Outros ainda preferem falar em "literatura para crianças". Como é que você se posiciona? Como você qualifica sua própria literatura?

**AMM:** Eu não acredito nesses rótulos, nesses adjetivos, não. Até pode eventualmente dar para engolir como uma coisa mercadológica, admitir que um editor chame assim. Mas literatura é literatura. Quando é para velho não é senil, não tem que ser infantil quando é para criança.

**JT:** Mesmo do ponto de vista mercadológico, é mais difícil definir o que seria uma literatura para velhos.

**AMM:** Então vamos um pouco mais além. Acho essa discussão inteiramente ociosa porque é uma discussão do adjetivo. O substantivo é literatura. Se é literatura, isso é que importa. É uma atitude de recriação através da palavra. A diferença, no caso do uso do adjetivo "infantil", é que funciona ao contrário de outros sintagmas. Quando a gente diz "literatura francesa", por exemplo, significa literatura escrita na França ou por franceses, e só. É um adjetivo que restringe o amplo sentido da palavra "literatura". Ele diminui o campo. No caso de literatura infantil, a gente tem um paradoxo: é um adjetivo que aumenta o campo. Quer dizer, é uma literatura que pode ser lida *também* por crianças. Que pode ser entendida, apreciada e fruída *também* por crianças. Mas se ela não for apreciada e fruída por adultos, não é literatura. É só livro para criança. Essa é a diferença: ela tem que antes de mais nada ser literatura e, além disso, também estar ao alcance das crianças. Se não for muito cheia de qualidades literárias, não é literatura nenhuma.

**JT:** Hoje, se fôssemos verificar nas prateleiras das livrarias, encontraríamos mais literatura infantil ou livros para crianças?

**AMM:** Não sei exatamente. Já tive uma livraria, mas não trabalho com isso há uns quatro anos. Hoje não tenho filho pequeno. Não me compete muito falar disso. Acho que, como em todo setor, provavelmente há mais livros do que literatura. Para adulto, é a mesma coisa. Existe uma produção que é mercadológica, que é de produtos. E existe uma criação de obras, que é uma parte muito menor.

**JT:** Ao definir literatura, você pôs ênfase na palavra "recriação".

**AMM:** É. Eu sou escritora.

**JT:** Você parece ter essa preocupação de inverter os clichês narrativos das histórias infantis. Ao menos, é assim em *História meio ao contrário*.

**AMM:** A minha posição é literária. Eu escrevo porque gosto da língua, não porque gosto de criança. Se eu gostasse de criança, ia ser professora, enfermeira, babá. Eu escrevo para criança e para adulto. Acabo de ganhar o Prêmio Hans Christian Andersen, que é um prêmio de literatura infantil, e, na mesma Bienal do Livro que festejou o meu prêmio em São Paulo, ganhei o Prêmio Machado de Assis de romance, com um romance para adultos, *A audácia dessa mulher*, editado pela Nova Fronteira. Quer dizer, eu escrevo uma coisa e outra. Alguém pode dizer: "Tem mais títulos para crianças". É verdade, mas, se contar, é capaz de ter mais páginas para adultos. Então, o que me leva a escrever é um entranhado amor pela língua, pela situação narrativa, pelo jogo de contar, que é muito interessante, me atrai muito. Eu gostava muito de ouvir histórias quando era criança. E sempre gostei de ler narrativas. Eu leio muito romance. Também muito ensaio e poesia.

**JT:** Como você começou a escrever para crianças? Você antes tinha uma carreira acadêmica, e inclusive estudou com Roland Barthes.

**AMM:** Na verdade, foi em paralelo – eu já escrevia para criança. Estudei com Barthes de 1970 a 1973, e comecei a escrever

para criança em 1969. Fizeram em São Paulo uma revista chamada *Recreio*. Ia ser uma revista nova, só com texto corrido – quer dizer, não era quadrinhos. E eles estavam procurando gente que nunca tivesse escrito para criança, para não ter os vícios do nhém-nhém-nhém, do tatibitati. Então procuraram a Ruth Rocha, e a mim, e a vários outros. Me chamaram, eu fui. Quando as histórias eram da Ruth Rocha ou minhas, a revista vendia 200 mil exemplares por semana, quer dizer, vendia mais do que com os outros. Então eles começaram a pedir cada vez mais histórias nossas. Nós não sabíamos que era por isso, soubemos só muito depois. Então, isso foi meio que fazendo a gente virar escritora. Eu me profissionalizei porque o leitor me escolheu. Eu gostava de literatura, claro, tanto que tinha ido estudar Letras, e era professora de Letras. E gostava de escrever, tanto que eu era jornalista profissional paralelamente. Então, seguia tudo junto. Era um mundo só, o mundo da palavra. Eu não tinha contato com criança. Meu contato com criança foi com meus irmãos mais moços, depois com meus filhos, sobrinhos, uma coisa familiar, como qualquer ser humano normal.

**JT:** Como foi sua experiência com Barthes?

**AMM:** Já havia começado o doutorado aqui, com Afrânio Coutinho, sobre Guimarães Rosa. Saí por motivos políticos, fui para lá, me inscrevi com Barthes. Foi um convívio maravilhoso, a gente acabou ficando muito amigos. Ele era uma pessoa muito doce, muito exigente, muito sarcástica. Foi muito estimulante, me deu muita força. Para mim, foi uma honra.

**JT:** E ele leu Guimarães Rosa?

**AMM:** Nas traduções francesas, que são muito, muito ruins. A tradução italiana é boa. A alemã eu não conheço, pois não leio alemão, mas dizem que é a melhor. A inglesa tem coisas boas. Mas, enfim, ele leu. Eu trabalhei principalmente sobre o que estava em francês, e ele ficou fascinado por conhecer. Para ele, foi uma revelação. Ele ficava muito grato. Às vezes, eu chegava para falar de coisas da tese e ele estava querendo falar só do Guimarães Rosa. Foi muito bom trabalhar com ele. Depois ele

me indicou para uma bolsa em um curso de verão com Umberto Eco, que eu também fiz, e foi outra experiência, outra cabeça privilegiada.

**JT:** Voltando à literatura infantil: você visita escolas para ter contato com os leitores?

**AMM:** Cada vez visito menos escolas. Não é uma coisa que faça parte do meu cotidiano, da minha rotina, que me faça falta. Não preciso disso para escrever. Eu sei muito bem como é criança. Sei como é que eu fui, e olho dentro de mim. Vai ver eu sou meio retardada e ainda guardo um pouco da infância. Eu mergulho muito nessa minha memória de infância, e numa invenção de uma outra infância. É mais um mergulho interno do que um espelho para o lado de fora.

**JT:** Não há diferenças entre as crianças de hoje e as de seu tempo?

**AMM:** Nunca me perguntei isso. Não acho que seja importante. O segredo da literatura não está nas circunstâncias do leitor. Está nas circunstâncias do autor. Eu posso dar um exemplo, para não ficar teórico. Digamos: hoje, qual o problema fundamental da criança brasileira, aqui e agora? É miséria, é criança abandonada, é violência contra ela. Não conheço talvez nenhuma história que trate de tanta miséria, fome, infância abandonada e violência contra a criança do que João e Maria. As duas crianças têm fome. O pai e a mãe largam as crianças no meio da floresta porque não têm mais comida para dar. As crianças conseguem a duras penas voltar para casa por um caminhozinho. Os pais abandonam de novo. Essas crianças acabam chegando a um lugar onde tem um adulto que quer explorá-las, que as maltrata. E quando elas finalmente conseguem inverter a situação e dominar essa bruxa velha que está lá e que detém toda a comida gostosa do mundo, elas empurram a bruxa para dentro do forno, e ela grita: "Água, meu netinho". E o João grita de volta: "Azeite, minha vozinha". Uma coisa de uma crueldade digna da Febem! Então, o que mudou? O ser humano é o mesmo. Mudam as circunstâncias sociais, claro, e a roupagem disso: era na floresta, agora é na cidade; era uma bruxa, numa ca-

sinha de chocolate, agora vai ser outra coisa, talvez um seqüestro. Mas é basicamente a mesma história que está aí. Então, eu não acho que a gente não possa mais ler *Dom Quixote* no mundo moderno, ou não possa mais ler Homero. A gente não vai é escrever *Dom Quixote*, escrever Homero. Ao escrever a história do Ulisses hoje, escreve-se como Joyce escreveu, não é? Revisita-se de outra maneira. Meu primeiro romance chama-se *Alice e Ulisses*, eu volto à história de *Alice no país das maravilhas* e à *Odisséia* – quer dizer, a gente dialoga com essa literatura, volta a ela, mas não vai escrever igual. Aquele primeiro lá, de oito séculos antes de Cristo, continua vivo, e diz o que tem de dizer com uma força que ninguém diz. Cada um tem de dizer o seu tempo. Não acho que ao longo da minha vida – estou escrevendo há trinta anos – a criação tenha mudado tanto que não dê mais para me entender.

**JT:** Você diz que as circunstâncias são importantes para o autor. Quais foram as circunstâncias que a marcaram, que a formaram como escritora?

**AMM:** Nasci e me criei num momento e num país – e são as circunstâncias da minha vida e de uma classe social – em que minha família estava saindo de um ambiente rural, antigo, em que mulher não aprendia a ler...

**JT:** Em que cidade?

**AMM:** Era na roça. Minha avó materna viveu no interior do Espírito Santo. Minha mãe já foi à escola e fez uma faculdade. Uma não, duas: minha mãe fez Direito e fez Farmácia, mas nunca exerceu a profissão porque teve nove filhos. E eu estudei, mesmo tendo três filhos, e me tornei uma profissional. Essa é uma circunstância de mulher no Brasil, no século XX. Acho que isso retrança uma história de geração a geração. Uma circunstância poderosa: eu poderia querer muito escrever, mas se tivesse nascido cem anos antes do que nasci, seria da geração da Capitu de Machado de Assis e não iria virar escritora. Outra circunstância é viver nesse país que se industrializa, se urbaniza, depois passa para uma sociedade que começa a ter serviços e

ainda não está totalmente industrializada, que ao mesmo tempo tem coisas de tecnologia de ponta e coisas atrasadas. Essa circunstância também me determina muito. A circunstância de viver num país do hemisfério Sul, que está sempre marginal ao grande desenvolvimento do Norte, também conta. Um país de língua portuguesa é outra circunstância muito marcante para mim. Toda a minha obra, tudo seria completamente diferente se não fosse o português. E acho que também um país como o Brasil, com essa mistura, com essa cultura... É muito estranho: o Brasil tem uma sociedade tão excludente e uma cultura tão includente, tão antropofágica. O que vem a gente deglute, mistura, toca em frente. Na França, vivem fazendo passeata contra termos em inglês, e a gente nem liga para isso. Quer dizer, o *rock*, o *rap*, tudo vira nosso. Enfim, mesmo que a gente não seja um paraíso racial, que isso seja um certo mito, de qualquer modo, é o mito do nosso imaginário. É assim que nós queremos nos ver. Gostamos de imaginar que somos um grande país mestiço, uma grande democracia racial. O que é sintomático: acho que é o único país do mundo que se orgulha de ser assim, mesmo não sendo. Os outros todos fazem muita questão de assinalar as nacionalidades. O basco não quer ter nada a ver com o catalão; o catalão não quer ter nada a ver com o andaluz... E isso falando da Espanha, que é um povo que se misturou muito, deglutiu árabes e judeus e tudo. Então imagine nos outros, não-ibéricos, que nem ao menos fizeram isso. É essa maneira de a gente se ver, esse espelho ideal com que nos apresentamos e tentamos nos ver na arte, nos filmes, com que tentamos olhar para nós mesmos: faz de conta que somos a maior democracia racial do mundo! Talvez até sejamos, porque os outros são tão menos. A gente quer ter esse ideal, e essa é uma circunstância muito poderosa.

**JT:** Você começou a escrever em 1969, durante a ditadura militar. O AI-5 apareceu em dezembro do ano anterior, em dezembro. Essa circunstância também conta?

**AMM:** Essa circunstância é muito marcante para toda a minha geração de autores de literatura infantil. Ziraldo publicou o primeiro livro dele em dezembro de 1968, uma semana depois

do AI-5. A Lygia Bojunga [Nunes] publicou o primeiro dela em 1969, eu e a Ruth, em 1969, e também o João Carlos Marinho, a Edy Lima... Nós todos começamos a escrever nessa hora. Existe até uma tese da Heloísa Buarque de Hollanda, que é professora e crítica literária no Rio, em que ela diz que, como consequência direta do AI-5, quando as portas se fecharam para a expressão de um modo geral, as formas de expressão que eram densamente metafóricas e simbólicas foram as que conseguiram sobreviver: as letras de canção, a poesia de mimeógrafo e a literatura infantil. As outras se sentiram chamadas, compelidas a dar testemunho direto. Grande parte da literatura passou a ser muito realista, com reportagem, memória, depoimento, uma atividade até mais jornalística. É uma idéia muito interessante, que ajuda a explicar um pouco mais essa circunstância, que é muito poderosa.

**JT:** Anteriormente, Monteiro Lobato já havia tratado de temas políticos e sociais em livros para crianças.

**AMM:** Pois é. Mas essa tradição tinha sido interrompida. Monteiro Lobato e Graciliano Ramos fizeram isso durante o Estado Novo. Foram presos, enfim, esse problema todo. Mas depois da redemocratização e da morte de Lobato, há um hiato de 20 anos com muito pouca coisa interessante, inovadora. É compreensível, porque o Lobato teve uma presença muito grande, muito forte. Foi meio intimidador.

**JT:** Você sentiu isso quando começou a escrever?

**AMM:** Não, porque nunca imaginei que em algum dia da vida alguém poderia me comparar com Lobato. Não me intimidava. Era outra coisa. Minha relação com o Lobato era de leitora, não de colega. Mas, para a geração que veio logo em seguida à dele, Lobato ainda estava muito próximo.

**JT:** Além de Monteiro Lobato, o que mais você leu em criança?

**AMM:** Li muito. Lia a revista *Tico-Tico*. E li muito os clássicos em geral, o que chegava aqui, quando chegava, às vezes em

versões, adaptados. Li *A Ilha do Tesouro*, e li Mark Twain apaixonadamente, todo ele. Na adolescência, muito Dumas e Stevenson. Li muito *Tarzan*... Ih, li muita coisa. Quando digo clássicos adaptados, é porque antes havia muitos – *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe*, *Robin Hood*. Mas havia muito pouco autor brasileiro. Fora Lobato, havia Viriato Correia, que era muito chato. Existiam uns livrinhos alemães traduzidos por Guilherme de Almeida e Olavo Bilac, tinha o João Felpudo, o Juca e Chico, essas coisas eu li. E contos de fadas, várias coletâneas de Anderson e dos Grimm.

**JT:** Como foi receber o Prêmio Hans Christian Andersen?

**AMM:** Foi uma surpresa enorme. Eu sabia que ia ser anunciado, mas não estava nem na sala quando o anúncio foi feito. Estava em Bolonha, mas não estava lá. Não levei uma roupa para poder estar lá – estava de *jeans* e tênis. Primeiro foi uma surpresa, e, em seguida, uma euforia. Qualquer outra coisa que eu diga negando é mentira. Claro que fiquei eufórica. Fiquei felicíssima! Me senti muito honrada, muito alegre, e com uma responsabilidade enorme. Acho que deve ser uma sensação semelhante à do atleta que sobe ao pódio, recebe uma medalha ou uma taça, levanta para todo o mundo ver, ouve tocar o Hino Nacional, vê a bandeira brasileira subir. Dá um nó na garganta, vontade de chorar, você fica numa "superalegria", quer tomar banho de champanhe. Mas ao mesmo tempo é um peso nos ombros. Bom, eu fiz um esforço enorme, corri, ganhei, mereci – mas um júri inteiramente internacional dizer que você é o melhor do mundo naquilo que você faz, que não tem para ninguém, isso é uma coisa da qual até agora não me recuperei muito, sabe? Não acredito que é verdade!

**JT:** Você é a segunda brasileira a vencer o prêmio. Antes, foi Lygia Bojunga Nunes.

**AMM:** Pois é. Isso é muito interessante. Esse prêmio existe há 44 anos. Nesse tempo, só os Estados Unidos ganharam mais vezes que o Brasil. A França, a Inglaterra e a Itália ganharam uma vez só. Meu editor mexicano, Daniel Golding, estava lá em Bo-

lonha. Saímos para jantar, e ele disse: "Você se dá conta do que isso representa? É o reconhecimento e a consagração de uma maneira de contar histórias e de uma atitude frente ao livro para crianças que existe na América Latina". Quer dizer, essa maneira de respeitar a inteligência da criança, e de tratar a história como um fato literário. E, ao mesmo tempo, nós nos indagamos sobre identidade nacional, sobre qual o nosso projeto enquanto cultura, enquanto nação. Isso é uma coisa que não passa na cabeça de um escritor alemão, francês. Eles não precisam, isso está resolvido desde o Renascimento, sei lá. Embora alguns deles nem fossem nações então, não é um problema que se coloque para eles. Além disso, tem também uma maneira da produção do livro que ainda existe no Brasil, e na Argentina também, e em alguns outros países da América Latina, e que os países altamente desenvolvidos ou industrializados já perderam. Para nós, um livro brota do autor, se origina de uma coisa interna do autor, de um projeto. O autor faz um livro, leva para um editor, mostra; se o editor gosta, está de acordo, vai editar, procurar um ilustrador, etc. Nos países altamente industrializados, há muito tempo que não é mais assim. Eles fazem primeiro um estudo de mercado, para ver qual o perfil do leitor, qual o nicho, o que está faltando, e aí chamam uma equipe e dizem: "Precisamos de uma história de um menino que seja preto, que tenha um amigo asiático, cujos país estejam separados, a vó está doente, ele está trocando o dente", sei lá. Colocam uma lista de problemas, aí dizem "vamos fazer esse livro", e fazem. Quer dizer, é outro processo. O livro não surge do autor, mas surge do mercado. Acabam ficando livros uniformizados, homogeneizados, pasteurizados, e muito previsíveis. Não há a surpresa da literatura. É nesse sentido que o Daniel falava. O mundo sente falta disso. E eu tenho certeza que nós temos outros autores que poderiam ganhar, não só eu e a Lygia.

**JT:** Essa criatividade explicaria a maior circulação do livro infantil?

**AMM:** O grande enigma para mim, o grande mistério, para o qual eu não tenho resposta – eu sei que numa entrevista você deveria perguntar e eu deveria ter as respostas, mas isso é uma coisa que eu não faço – é o que acontece, pois as nossas crianças es-

tão lendo muito, os números estão aí para provar. A cada bienal, 60% do que se vende é para criança. Também se você olha na produção brasileira em geral – eu estava vendo essa estatística outro dia – é uma coisa espantosa: parece que 70% dos livros publicados hoje são didáticos, 16% são técnicos, e 14% são literatura. Desses 14%, dois são de adultos, e 12% são de infantis. É brutal a diferença. Acontece que as crianças lêem muito, existe uma literatura de qualidade, que tem repercussão internacional – estamos cheios de prêmios internacionais; eu ganhei quatro, a Ruth ganhou, o Ziraldo, a Marina Colasanti, a Lygia também –, e, de repente, essa criança cresce, vira adulto e não lê nunca mais. Então tem um enigma, um mistério aí, que eu acho que passa – é uma hipótese – pelo fato de que o principal contato da criança com o livro é através da escola, e na escola primária os professores expõem muito a criança ao livro – quer dizer, muito não, deveria ser muito mais, mas proporcionalmente é muito. Porque livro de criança pequena é curto, fácil de escolher, de ter uma idéia do que é. A partir da adolescência, o professor, para mandar ler um livro, tem que ler antes. Não dá para passar os olhos e ver do que se trata. E ele não lê. A formação do professor brasileiro não ensina a ler, deixa o professor intimidado com o livro. A gente forma centenas, milhares de professores todo ano que nunca leram Lobato. Não têm nenhum parâmetro antigo para ver. E aí, param de falar em livro. O livro acaba ficando uma coisa feito os brinquedos: maravilhoso na infância, mas, cresceu, deixa para trás. Isso é uma distorção.

**JT:** Quando criança, você lia por incentivo da família?

**AMM:** Isso é que é muito injusto. Quem vem de um ambiente letrado e com livros lê. Quem não tem livro em casa muito dificilmente vai dar um jeito de ler. Ter livro em casa não significa possuir livros, mas ter acesso a eles. Antônio Torres diz que se formou como leitor lendo toda a biblioteca de Junco, no interior da Bahia. Você não precisa possuir o livro, mas falar em livro, ter exemplo, ver gente lendo em casa e discutindo o livro. Se não, o adulto que não lê acaba bloqueando à criança a possibilidade de ela ler. E é muito sério, porque ler não é só um prazer, um barato, não sei o quê. Ler é poder. Quem não lê está abrindo

mão do poder, está deixando outras pessoas que são leitoras abocanharem um naco daquilo a que teria direito. Está abrindo mão de um direito. E é muito injusto isso no Brasil, porque não existe modelo ou exemplo de leitor adulto.

**JT:** Esse tema da leitura como poder transparece em seus livros...

**AMM:** Eu acho. Estou convencida de que ler é poder. É também um prazer. Mas quem lê argumenta melhor, não se deixa enganar da mesma maneira. Quando você não lê, você não formula as perguntas, e acha que as perguntas que você encontra pela vida têm uma resposta só. E não envereda por um pensamento diferente, fica muito restrito a repetir o que já foi feito, e acaba repetindo slogan. Então você não faz uma análise política consistente. Não faz nada, porque fica só repetindo o que a mídia diz, o que o cara disse no comício, o que o amigo disse na mesa do bar. Você não consegue ver as entrelinhas, criticar o discurso. Não está acostumado com aquelas palavras, aquela maneira de arrumar a frase.

**JT:** Os personagens crianças revelam uma inquietação semelhante em seus livros.

**AMM:** Acho que eu pensava alguma coisa muito parecida com isso quando era criança, já. Tenho lembranças, memórias, algo assim muito de questionar a palavra. Criança faz isso quando está acostumada a lidar com a palavra.

**JT:** E será que depois ela perde essa capacidade?

**AMM:** Não. Se está acostumada a lidar com palavra, continua fazendo. Mas na maioria das vezes não está muito acostumada. E à medida que larga o livro, vai ficando para trás.

**JT:** Você disse que atualmente frequenta poucas escolas...

**AMM:** Não, não é atualmente: sempre procurei me poupar um pouco, porque preciso escrever, e preciso me concentrar, preciso de um pouco de silêncio. Enfim, eu vou de vez em quando,

mas não é o meu papel. Não sou professora, e não sei lidar com a situação. Posso ir, ler uma história minha, conversar um pouco, ser entrevistada por crianças. De vez em quando, sim, tudo bem, mas não é a minha área de excelência. Minha área de excelência é escrever. Então é um desperdício tomar o tempo de aula de um professor que sabe dar aula bem, para eu ir para lá fazer uma coisa que eu não sei. É um desperdício do tempo do professor, da criança e do meu, porque eu deveria estar em casa escrevendo. O professor não sabe escrever como eu, e a criança não sabe escrever como eu. Cada um deveria estar na sua. Acho que ninguém fica cobrando que o médico vá fazer sapato, que o sapateiro vá cuidar de doente. A gente fez uma divisão de trabalho na sociedade, de acordo com a vocação de cada um. Não tenho nada contra, mas acho um desperdício do tempo de todo o mundo.

**JT:** Mas a pergunta é: o que as crianças lhe dizem nessas poucas visitas a escolas? Que tipo de resposta você encontra a seus livros? O escritor normalmente tem um leitor ideal quando está compondo. Você o encontra entre as crianças?

**AAM:** O leitor ideal é um leitor que entenda a gente. Na hora em que a gente está escrevendo, a gente pisca o olho, e o leitor ideal, do outro lado, dá um sorrizinho na hora em que lê. Alguns chegam muito perto disso. Alguns até ultrapassam, fazem mais do que a gente podia imaginar. Esse é o grande prêmio do escritor: aquele leitor que entende, tanto criança como adulto. Me impressiona muito como as pessoas escrevem para um escritor. Num mundo como o de hoje em dia, em que quase não se escrevem mais cartas, como eu recebo carta de leitor, tanto criança como adulto. Existe essa necessidade de compartilhar uma reflexão em torno da palavra. Tem algumas reações de leitores que eu acho muito engraçadas, porque são universais. Já conversei com leitor meu nos países mais diferentes, da Suécia a Angola, passando pela América Latina – por exemplo, no interior do México, em uma tribo de Maias. A gente vai conversar, e se não é a primeira, é a segunda pergunta que alguém faz: "Como é que você teve a idéia para escrever esse livro?" Ou seja, o que deixa as pessoas muito intrigadas é o mistério da

criação. Isso é que estimula, fascina, em qualquer país, em qualquer cultura. Acho muito interessante.

**JT:** E que resposta você dá para eles?

**AMM:** Em geral, respondo com uma pergunta: "De onde você tirou a idéia para me fazer essa pergunta?" A criança ri e diz: "Da minha cabeça". Eu digo: "A história saiu da minha cabeça". O importante não é saber de onde saiu, é saber como entrou. De onde foi para dentro, como vem? Como uma história entra na sua cabeça? Como uma pergunta entra na sua cabeça? Como a complexidade do mundo se instala? Não digo nessas palavras para a criança, mas essa é a questão. E é andar pela vida mantendo um certo deslumbramento, uma certa curiosidade, uma sede de decifração. Eu gosto de livro difícil. Não escrevo livro facilzinho para criança, não. O prazer de descobrir, de decifrar, é o grande prazer da leitura. Você de repente diz: "Puxa, como eu sou inteligente, eu vi, eu descobri o que o autor estava querendo dizer". E não é só descobrir como em uma história de mistério: é descobrir mais além. E o mundo é um livro, está aí, a gente tem que sair lendo também.

**JT:** As crianças topam esse desafio do livro difícil?

**AAM:** Perfeitamente. Lembro de uma vez em que estava fazendo uma palestra, no Nordeste, para adultos. Uma professora tinha levado o filho. Às vezes acontece isso: como eu escrevo para criança, elas aproveitam e levam o filho para depois falar comigo. O menino devia ter uns onze anos. Estava ali se chateando mortalmente. Imagina, assistindo uma conferência, uma coisa de adultos. Aí, houve um momento em que alguém me perguntou como saber, na hora de escolher um livro para o aluno, se o livro era bom ou não. Aí eu disse: "Olha, você vai ter que confiar na sua sensibilidade, porque não tem uma fórmula para dizer de fora". E quando eu estava meio que explicando por essa linha, o menino levantou a mão. Achei maravilhoso que ele quis participar. Ele disse: "Eu sempre sei quando um livro é bom. Quando acontece tudo o que eu já sabia que ia acontecer, ele é chato e eu paro de ler. Quando acontecem coi-

sas que eu não esperava, ele é bom". Até hoje eu não vi melhor definição. Exatamente isso: quando te traz alguma coisa inesperada, seja um fato, uma maneira de contar, sei lá. Está contribuindo com uma coisa nova. Se não, é só chiclete do espírito: a gente fica mastigando, mastigando, mas não tem substância. Acho que criança entende um bocado, sim. Uma vez fui a um colégio conversar sobre *Uma história meio ao contrário* com uma turma de sete anos. E tinha um, mais velho, que estava em pé, parado na porta. Quando acabou, ele pediu: "Posso falar também? Eu li esse livro há dois anos, e vim aqui hoje porque meu irmão estava lendo. Agora, quando meu irmão foi ler, eu li de novo, e entendi uma porção de coisas que não tinha entendido antes. Me amarro em livro assim". E eu falei: "Assim como?" "Assim, cheio de submundos". E aí ele disse outra coisa: "Livro assim parece meio mágico: quando a gente cresce, ele cresce junto". Por acaso, esse trecho todo ficou gravado, porque a Paula Saldanha nesse tempo tinha um programa de televisão e estava lá gravando nessa escola. Então eu lembro bem desse pedaço, porque ficou no vídeo. E é fantástico também, como definição. Sinal de que as crianças entendem em níveis diferentes. Vão crescendo e descobrem outras coisas. Como nós também. Quantas vezes a gente relê um livro e vê coisas que na primeira leitura não tinha visto? Eu recentemente reli *O velho e o mar* e vi uma porção de coisas que não tinha visto antes.

**JT:** A expressão "geração audiovisual" já se tornou quase um clichê quando se fala das crianças e jovens de hoje, expostos à Internet, televisão e outros mídia. Também é muito comum se ouvir que essas novas tecnologias afastam a criança do livro. O que você acha disso?

**AMM:** Acho que isso tem vários aspectos. Primeiro, acho que a Internet não afasta do livro, aproxima. Mesmo morando no alto Solimões, se você tiver Internet lá, você compra o livro que quiser em Nova York, Paris ou Londres. Era impossível isso, quando você dependia de livrarias. Então, em primeiro lugar, a Internet aproxima fisicamente o livro do leitor. Em segundo lugar, ao contrário da televisão – para ver televisão, basta ser analfabeto –, a Internet exige alfabetização. E começa a exigir

que se escreva. Sem dúvida, os adolescentes hoje estão escrevendo melhor do que há cinco anos. A diferença é nítida. Sei porque recebo cartas de adolescentes, e elas estão mais longas, mais bem formuladas. Não sei se são as mudanças na educação que o Paulo Renato (*de Souza, ministro da Educação*) fez, ou se foi a Internet, mas que estão escrevendo melhor, estão. A Internet é palavra escrita multiplicada, então não vejo como possa afastar do livro. Eu tenho uma filha de 16 anos. Uma vez, ela entrou em um *chat* em que tinha alguém chamado "Holden". E ela perguntou: "Caulfield?" E ele: "Você também leu *O apanhador...*?" Aí apareceram mais não sei quantas pessoas. No final, tinha oito discutindo *O apanhador no campo de centeio*. Onde ela ia encontrar pessoas para discutir Salinger assim? Então, não acho que a Internet atrapalhe. Uma coisa que se diz muito, tanto sobre a televisão quanto sobre a Internet, é que atrapalhariam, porque são uma tentação, um fascínio, que afastam a criança do livro por serem mais sedutores. Não sei se existe para uma criança uma coisa mais sedutora do que você ter um quintal com cachorro e árvore para subir.

**JT:** Hoje, cada vez menos crianças têm isso.

**AMM:** Pois então? A geração que teve quintal com cachorro e árvore para subir deveria ter ouvido a vida inteira que isso afasta do livro. Acho que não é nada disso. É a eterna mania brasileira de procurar um bode expiatório, de botar a culpa no outro. Se não leio, não é porque eu sou preguiçoso: não leio porque a Internet é tão boa, hoje em dia não preciso mais ler. É um pouco essa coisa, um simplismo. Não é tão simples assim: claro que é sedutor, que é uma tentação, que é fascinante, mas todas as épocas tiveram coisas igualmente fascinantes. Então, tem horas em que você quer aquilo, e outras em que não. Eu leio muito e entro na Internet, e vejo televisão. Cada coisa tem o seu momento.

**JT:** Você responde às cartas que recebe de leitores?

**AMM:** Sim, todas. Algumas eu respondo muito rapidamente, só para acusar recebimento. Muitas são repetidas. A gente vê

que a professora mandou fazer um trabalho, e chegam muitas cartas iguais, variando pouca coisa, todas da mesma cidade e na mesma semana. Nesse caso, faço uma carta coletiva para a escola. Mas a carta do leitor mesmo eu respondo. Posso demorar – a carta entra numa fila. Às vezes demoro cinco, seis meses para responder, mas respondo.

**JT:** Você falou da singularidade da produção literária para crianças, no Brasil. Existe uma crítica à altura?

**AMM:** Na mídia, não existe. Na academia, na universidade, nós temos uma coisa impressionante, que é o nível da crítica que se faz sobre literatura infantil. Não é uniforme, mas há pessoas como Marisa Lajolo, Regina Zilberman... Tem um grupo em Goiás muito bom, um pessoal em Niterói muito bom. Tem realmente alguns pensadores em literatura infantil, num nível muito sério. Também no México e na Argentina. E há uma produção de livros consistente com isso. E com uma vantagem sobre a crítica relativa à literatura de adultos: é que, de um modo geral, a crítica acadêmica de literatura de adultos acaba ficando muito hermética, repete as coisas para seus pares, e fica muito fechada, não se multiplica e não devolve para a sociedade a sua reflexão. Enquanto que a reflexão feita sobre literatura infantil consegue chegar ao professor, porque ela é didática. Esses autores que eu citei aqui e outros mais são um exemplo.

**JT:** Você segue escrevendo crítica?

**AMM:** Quando comecei a publicar, parei de produzir crítica. A gente não critica colega. Mas eu continuo fazendo uma produção teórica muito grande. O ano passado, por exemplo, publiquei um livro de ensaios, que foi finalista do prêmio Jabuti, chamado *Contracorrente*. É uma idéia de pensar contra o pensamento corrente, contra a correnteza, contra a unanimidade. É uma coletânea de artigos e palestras que eu fiz sobre leitura e política, sempre aprofundando teoricamente.

**JT:** Mais uma vez, o tema da leitura e do poder.

**AAM:** É. Eu acho que estão muito ligados. Por exemplo, quando os professores liam muito, eram considerados os mestres. Quando passaram a ler pouco, viraram professorinhas, tias. E aí não tem poder nenhum, não tem salário. Entra na esfera do afetivo. Vira "coisa de mulher". Mas enquanto ficou na mão dos sábios doutores que liam, os lentes, os leitores, os mestres, teve muito poder. Até Jesus era chamado de mestre. Mestre era sinônimo de poder.

**JT:** Você está escrevendo alguma coisa no momento?

**AAM:** Estou fazendo um romance, mas na hora em que estou escrevendo não gosto de falar a respeito. Porque ele escapa: a gente fala, e ele vira fumaça, desaparece. É um romance para adultos. Vai sair numa coleção da Record. Mais não digo. Estou meio embatucada nele, até porque está muito interrompido, tenho viajado muito por causa do prêmio. Mas não tem pressa. Quando ficar pronto, ficou.